



O Passeio de carro do Sr. Palomar rumo ao Vazio: Literatura e Cotidiano em Italo Calvino

Eclair Antonio Almeida Filho*

Bruna Fontes Ferraz**

Resumo: Neste ensaio, propomos uma análise da relação Literatura-Realidade a partir do conto inédito “Dietro il retrovisore” (“Pelo retrovisor”), de Italo Calvino. Tal conto relata um passeio de carro do senhor Palomar, personagem que vivencia e reflete sobre fatos cotidianos, e que descobre, ao olhar para trás através dos espelhos retrovisores, o Nada, o Vazio sempre às suas costas. Durante nossa análise, teremos em vista tanto a discussão dos espelhos quanto das viagens e das mitologias em Italo Calvino em relação intrínseca com a percepção da realidade e de novas realidades.

Palavras-chave: Palomar; Vazio; Nada; Vida Cotidiana.

Abstract: At this essay we have as purpose to analyze the possible relation between Literature and Reality perception through a critical reading of Italo Calvino’s inedit short story “Dietro il retrovisore”. That calvinian story tells about a car trip by Mr. Palomar, character who experiences and reflects on cotidian facts, and who discovers during that car trip, looking back through the backlooking glasses of his car, having always at his shoulders the Nothingness, The Emptiness. Our reading of that calvinian story wil consider the importance of looking glasses, mythology tales, scientific and literary language towards a better perception of Reality as well as new created realities.

Keywords: Mr. Palomar; Emptiness; Nothingness; Cotidian Life.

“Neste ponto, Kublai Khan o interrompia ou imaginava interrompê-lo ou Marco Polo imaginava ser interrompido com uma pergunta como:
— Você avança com a cabeça voltada para trás?
— ou então: — O que você vê está sempre às suas costas?
— ou melhor: — A sua viagem só se dá no passado?”

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*.

Ao referenciar a Leveza como uma das especificidades mais caras da literatura, Italo Calvino apresenta-nos o mito da luta entre Perseu e a medusa, comparando o olhar inexorável da Górgona com o próprio peso, pois às vezes o mundo parece estar transformado em pedra. Para destruir a medusa e conseqüentemente se livrar da petrificação na qual aqueles que olhavam para esse ser mitológico se transformavam, Perseu se utiliza de um espelho, no qual

* Doutor em Literaturas de Língua Francesa pela USP (2006) e tradutor, é desde junho de 2009 professor adjunto do quadro permanente do curso de Letras Tradução Francês-Português da UNB.

** Licencianda em Língua Portuguesa pela UFOP e estudante do Grupo de Estudos Blanchotianos e de Pensamento do Fora UNB-CNPQ com pesquisa sobre a (im)possibilidade da Literatura em Italo Calvino sob acompanhamento do Professor Doutor Eclair Antonio Almeida Filho.

ele captura uma imagem indireta da Górgona e que o possibilita olhar para ela, enfrentá-la e, assim, continuar vivo. Notemos que o espelho se faz muito presente na literatura ao (re)velar a realidade por meio da imagem capturada, através de uma visão indireta da realidade, que evitaria, de certo modo, que nos chocássemos com aquilo que vemos diante de nossos olhos. Por isso, o escritor das seis propostas para o próximo milênio diz que a literatura é um espelho oblíquo da realidade. Acrescentemos que, para tratar da relação entre Literatura e Realidade, além de recorrer à mitologia e aos espelhos, Calvino se apóia em descobertas e invenções tecnológicas, os quais - em nosso entender - são todos modos de redobramento e desdobramento do real, do visível e do sensível num entrecruzamento-intersecção de realidade-mito.

Para discutirmos e exemplificarmos a relação entre literatura, mitologia, realidade e espelho em Italo Calvino, vamos nos apoiar em seu conto inédito “Dietro il retrovisore” – escrito entre 17 e 19 de agosto de 1983 e que integra uma pasta a qual o escritor italiano intitulou de “Palomar-Testi” (Palomar-Textos). Nele, faz-se referência ao passeio de carro do senhor Palomar durante o qual, ao olhar para trás pelos espelhos retrovisores, ele se vê diante de uma realidade até então desconhecida: o vazio instaurado às suas costas. Através de uma imagem indireta capturada pelos espelhos é revelado ao personagem Palomar um grande e significativo mistério; afinal o que existe às nossas costas? Tal questionamento é descrito-narrado-meditado pelo senhor Palomar nesse conto – do qual trataremos neste trabalho – e também por Calvino em seu ensaio sobre o poema “Forse un mattino andando in un’aria di vetro”, de Eugenio Montale, inserido no livro *Por que ler os clássicos*.

Para Calvino, pela voz e pela escrita, aquilo que contamos, narramos, vai deixando de ser nosso e passa a ser do leitor, que ao ler lança aquilo que leu no movimento da evanescência, rumo ao Vazio, “origem e o fim de tudo” (CALVINO, 1993, p.226), para onde Tudo vai e de onde Tudo retorna metamorfoseado. Tudo sempre em movimento em direção ao vazio – mas não a um buraco negro de onde aquilo que entrou, foi sugado e não consegue sair. Nesse movimento de evanescimento e retorno, aquilo que retorna do Vazio também retorna vazio, puro para ressignificar no que chamaríamos de “plenitude vazia” ou de “vazio pleno”.

Na obra calviniana, toda viagem é rumo ao desconhecido, ao Nada, ao imprevisível, ao passado, ao presente, ao futuro. Viagem de Marco Polo pelas cidades invisíveis do império de Kublai Khan, a viagem do Leitor em busca dos finais dos romances inacabados numa noite de inverno, o percurso do viajante pelos bosques até o castelo-taverna dos destinos cruzados; viagem pelas galáxias em *Cosmicômicas*; as viagens do Sr. Palomar por jardins zen e

zoológicos, praias, sítios arqueológicos. Podemos até mesmo afirmar que o seu próprio ato escritural se configura como uma viagem, um ir rumo a, que passam pelos caminhos e encruzilhadas da ciência e da literatura.

Quando lemos o conto inédito “Pelo retrovisor”, da “Officina de Palomar”, só disponível no volume 3 dos “Romanzi e Racconti”, nós nos deparamos com um aparente simples passeio de carro de Palomar pela sua cidade. Aparente porque à medida que vamos avançando, viajando na leitura, percebemos que o escritor vai nos levando para o passado, o presente e para o futuro. Diferentemente dos textos que constam na edição de 1983 do livro *Palomar* (a mesma publicada em tradução pela Cia das Letras), “Pelo retrovisor” traz um Sr. Palomar que, ao invés de observar o mundo fora de si (mesmo que ele faça parte do Mundo), observa-se como parte do Mundo pelos “olhos-retrovisores” (retro-visor, o visor que olha para trás) que ele ganha ao passar da condição de pedestre para a de motorista de carro.

A princípio, podemos considerar que “Pelo retrovisor” narraria mais uma das inúmeras aventuras do senhor Palomar. No entanto, causa-nos estranheza o fato de que Calvino não tenha incluído tal conto na edição do livro *Palomar*. Diante disso, podemos nos questionar: o que o teria levado a deixar “Pelo retrovisor” de fora da edição de *Palomar*? A seguir, levantaremos algumas hipóteses (mas nunca respostas) para essa que é mais uma não-inclusão do que uma exclusão.

A nosso ver, a primeira peculiaridade desse conto diz respeito ao fato de que nele o senhor Palomar encontra-se em seu carro, característica inusitada, já que em todas as outras vinte e sete aventuras publicadas na edição de *Palomar* encontramos o protagonista a pé, numa condição de pedestre. Já no início da leitura de “Pelo retrovisor”, o narrador nos apresenta a distinção entre o senhor Palomar pedestre e o senhor Palomar ao volante: “A mais importante diferença entre o senhor Palomar pedestre e o senhor Palomar ao volante é que o primeiro vê apenas aquilo que vem diante de si, enquanto o segundo é dotado de espelhos retrovisores.”¹(CALVINO, 1994, p.1159) (Tradução nossa).

Nesse sentido, consideramos que “Pelo retrovisor” não foi incluído nas histórias de *Palomar*, porque traz uma perspectiva diferente se relacionado aos outros contos. As vinte e sete histórias presentes em *Palomar* retratam fatos cotidianos, os quais são descritos, narrados e meditados pelo protagonista e escritos por um Palomar que se desdobra em narrador. Desse modo, o senhor Palomar escreve sobre aquilo que está fora de si, mesmo quando ele está

¹ “La più importante differenza tra il signor Palomar pedone e il signor Palomar al volante è che il primo vede solo quel che avviene davanti a sé, mentre il secondo è dotato di specchietto retrovisore.” (CALVINO, 1994, p.1159)

presente nos acontecimentos. A narração não parte de si, mas de algum elemento externo, como uma onda, ou a corrida das girafas, ou ainda, meditações sobre o universo comparando-o a um espelho, tema recorrente em Calvino como já observamos acima.

Diante disso, entendemos que o conto “Pelo retrovisor” não está em *Palomar* porque, se lá estivesse, tornaria impossível a presença de todas as outras histórias, deixando-as impublicáveis, já que esse conto mostra que o olhar do pedestre – que se foca apenas no que está diante de si – é insuficiente. Em “Pelo retrovisor” aprendemos que o ato de olhar para frente não basta para a apreensão da Totalidade Inalcançável do Mundo, pois sempre há algo acontecendo e evanescendo por trás de nós quando estamos olhando para aquilo que está diante de nossos olhos, mesmo se nos virarmos rapidamente para ver.

Por sua vez, em “Pelo retrovisor”, a narração toma como referência o próprio Palomar, já que é por meio de sua percepção, através de seus “olhos-retrovisores”, que ele consegue ver em todas as direções, olhar para a frente, para os lados e para trás. Assim, Palomar é uma personagem que se transforma em máquina ao entrar no carro e que depois, quando sai do veículo, volta a ser um pedestre, um homem que apenas pode olhar para frente, ou seja, volta a ser o Palomar, aquele da edição publicada por Calvino.

Portanto, aquilo que seria a narrativa de um simples passeio de carro, torna-se uma espécie de conto de ficção científica quando o corpo de Palomar se transforma na máquina que ele dirige (ou será que é a máquina que o dirige, ou Palomar e máquina revezariam um no lugar do outro?). A junção Palomar e carro torna possível que aquele veja em todas as direções ao olhar pelo retrovisor; assim não se faz possível distinguir homem e máquina já que tanto um quanto a outra utilizam de seus diferentes olhares para enxergar o que está às suas costas.

É por meio do carro que Palomar entraria novamente na evolução fisiológica humana, já que a junção de ambos possibilita a re-evolução do homem ao adquirir, além de força e velocidade, os espelhos retrovisores, que lhe permite, antes desprovido de qualquer órgão visivo na nuca, olhar para trás. Segundo o narrador de “Pelo retrovisor”:

A revolução antropológica fundamental constituída pelo automóvel compreende tanto as grandes mudanças nas categorias (espaço e tempo que se intercambiam as suas faculdades, aceleração do espaço, tempo mensurável em quilômetros) quanto os novos órgãos dos quais vem dotada a anatomia humana, com propriedades sensoriais completamente diversas (por exemplo, no lugar da pele, órgão tátil, uma carapaça metálica que causa problema se toca outros corpos sólidos). Porém, nessa nova anatomia, o espelho que permite ao condutor ver por trás de si mas continuando a olhar para frente é muito mais do que um acessório que serve para informá-lo do tráfego que o segue ou o persegue: isso significa algo que jamais nem o homem nem nenhum outro animal tinham experimentado antes, isto é, a superação da divisão do

espaço em um campo anterior e em um campo posterior.² (CALVINO, 1994, p.1159) (Tradução nossa).

No entanto, o único problema é descobrir o que há nesse campo posterior até então desconhecido e invisível. Para tentar resolver essa questão, ao considerar que a literatura contempla essas discussões, o narrador de “Pelo retrovisor” rememora, convoca Jorge Luis Borges e Eugenio Montale ao afirmar que, na percepção do primeiro, a qualquer momento poderemos encontrar o Hidebehind – ser imaginário e mitológico da fauna estadunidense – às nossas costas; enquanto que, para Montale, temos sempre o vazio e o nada quando olhamos para trás.

Segundo Borges, em seu *Manual de Zoologia Fantástica* (1957) – livro que passou a se chamar *O livro dos seres imaginários* – encontramos o Hidebehind sempre às nossas costas, de modo que qualquer movimento que façamos para vê-lo, por mais ágil que seja, não será nunca suficiente para surpreendê-lo. Vejamos abaixo o relato do mito – (borgeano apenas?) – do Hidebehind:

A jocosa mitologia dos acampamentos de lenhadores de Wisconsin e de Minnesota inclui singulares criaturas, nas quais, seguramente, ninguém tem acreditado.

O Hidebehind sempre está por trás de algo. Por mais voltas que desse um homem, sempre o teria por trás e por isso ninguém o viu, embora ele tenha matado e devorado muitos lenhadores.³ (BORGES, 1978, p.431) (Tradução nossa)

Será por isso que Palomar chega a considerar que, mesmo quando não olha para esse outro mundo, esse mundo continue a existir tal como o Hidebehind que mesmo nunca tendo sido visto matou e devorou vários lenhadores?

Por sua vez, Montale afirma ou imagina, em sua poesia “Forse un mattino andando in un’aria di vetro”, que – em nossa condição de pedestre, enfatize-se –, ao nos virarmos para olhar para trás, encontramos sempre o nada, o vazio:

Talvez certa manhã andando em ar de vidro,
árido, virando-me verei cumprir-se o milagre:

² “La rivoluzione antropologica fondamentale costituita dall'automobile comprende sia i grandi cambiamenti nelle categorie (spazio e tempo che si scambiano le loro facoltà, accelerazione dello spazio, tempo misurabile a chilometri) sia i nuovi organi dei quali viene dotata l'anatomia umana, con proprietà sensoriali completamente diverse (per esempio, al posto della pelle, organo tattile, un guscio metallico che guai se tocca altri corpi solidi). Ma in questa nuova anatomia, lo specchietto che permette al guidatore di vedere dietro di sé pur continuando a guardare in avanti è molto di più d'un accessorio che gli serve a informarlo del traffico che lo segue ou insegue: esso significa qualcosa che mai né l'uomo né alcun altro animale avevano mai sperimentato prima, cioè il superamento della divisione dello spazio in un campo anteriore e in un campo posteriore.” (CALVINO, 1994, p.1159).

³ La jocosa mitología de los campamentos de hacheros de Wisconsin y de Minnesota incluye singulares criaturas, en las que, seguramente, nadie ha creído. El Hidebehind siempre está detrás de algo. Por más vueltas que diera un hombre, siempre lo tenía detrás y por eso nadie lo ha visto, aunque ha matado y devorado a muchos leñadores. (BORGES, 1978, p.631)

o nada pelas costas, o vazio atrás
de mim, com um terror de bêbado.
(MONTALE apud CALVINO, 1993, p. 217).

Calvino faz uma leitura desse poema considerando esse ar que chega a parecer de vidro como aquele “que acaba se impondo sobre o mundo e o faz desaparecer” (CALVINO, 1993, p.218). Nessa perspectiva, a cidade, o mundo desaparecem quando o eu-lírico pedestre, virando-se, vê, por trás de suas costas, o vazio: “quase caminhando pelo ar, no ar, no frágil vidro do ar, na luz fria da manhã, até que não nos damos conta de estar suspensos no vazio” (CALVINO, 1993, p.218).

No entanto, a sua leitura avança mais: ao se sentir desconcertado pelo movimento que tais versos criaram em si, o escritor considera haver uma bipartição do espaço entre o campo anterior e o posterior: “se define o primeiro como tela de enganos e o segundo como um vazio que é a verdadeira substância do mundo” (CALVINO, 1993, p.221). Assim, ao vermos a realidade sem os olhos retrovisores, nos deparamos com uma tela de “engano consueto”; por outro lado, através da imagem capturada pelo espelho retrovisor só veremos o Nada, o Vazio que “acampam sobre a tela”.

Ao considerar que “a reconstrução do mundo acontece ‘como numa tela’” (CALVINO, 1993, p.225), Calvino explica que Montale foi o primeiro poeta italiano a entender tela no sentido de “superfície sobre a qual se projetam imagens” (CALVINO, 1993, p.225). Nesse sentido, o campo visual anterior acampa imagens da realidade, mas mantém sobre elas o engano de sempre, ou seja, não se vêem completamente tais imagens com esses olhos limitados. Ademais, o escritor-ensaísta problematiza tal questão ao evidenciar que a imagem não se forma no olho mas sim numa parte do cérebro:

Na realidade, a imagem que vemos não é algo que o olho registra nem alguma coisa que tem lugar no olho: é algo que ocorre inteiramente no cérebro, com estímulos transmitidos pelos nervos óticos, mas que só numa zona do cérebro adquire forma e sentido. É aquela zona da “tela” em que acampam as imagens, e se consigo, girando-me, virando a mim mesmo dentro de mim, ver além daquela zona de meu cérebro, isto é, compreender o mundo como é quando minha percepção não lhe atribui cores e formas de árvores-casas-morros, tatearei numa escuridão sem dimensão nem objetos, atravessada por uma chuva de vibrações frias e informes, sombras sobre um radar mal sintonizado. (CALVINO, 1993, p.224-225)

Assim Calvino vai retirando a autoridade do olho que tudo vê, transformando-o, talvez, num olho que nada vê (ou que vê o Nada).

O autor de *As cidades invisíveis* ainda ressalta que só identificaremos a verdadeira substância do mundo se olharmos pelo espelho retrovisor de um carro, pois assim não veremos a nossa própria imagem, uma vez que, quando, ao invés de olhar pelos espelhos retrovisores, olhamos para um espelho comum vemos a nossa imagem “com o perigo

ameaçador, que o mito de Narciso (que olha somente para sua própria imagem diante de si) sempre nos lembra, do afogamento do eu e consequente perda do eu e do mundo” (CALVINO, 1993, p.224). Assim, mostra-nos que só o espelinho retrovisor tem a propriedade de aniquilar, extinguir o “eu”, numa espécie de ponto morto do qual pode a qualquer momento saltar fora o Hidebehind (ou o Nada? ou o Vazio?).

Ressaltamos ainda que, em seu ensaio sobre Montale, Calvino faz uma espécie de prévia do que viria a ser o conto “Pelo retrovisor” e sua problematização do olhar circular possibilitado pelos espelhos retrovisores e sua percepção do Nada, do Vazio e do Hidebehind, porém num tom por demais acadêmico e, por isso, muito explicativo. No ensaio, a nosso ver, haveria um excesso de explicação talvez pelo fato de estar diante de uma plateia para a qual ele fala de como aprendia poesia de memória. Já em “Pelo retrovisor” há um narrador que, além de explicar o mais brevemente possível, a toda hora fica pondo, levantando questões inquietantes como:

Quem lhe assegura [a Palomar?] que enquanto está se virando para ver se não é seguido por uma besta feroz, a besta feroz não esteja se deslocando silenciosa de modo a se encontrar sempre às suas costas? Ou então: quem lhe assegura que o mundo continua a existir mesmo quando ele não o olha? Como excluir que no instante no qual ele deixa de olhar numa direção, tudo aquilo que apareça ao seu olhar não evanesça no nada?⁴ (CALVINO, 1994, p. 1160) (Tradução nossa).

Em “Pelo retrovisor”, Calvino retira Palomar de observador do cotidiano e o torna, o faz ser observador e observado rumo ao apagamento do seu “eu”.

Se no ensaio ele diz que as pessoas têm um “engano consueto” que as faz acreditar que o mundo tem uma continuidade e uma permanência, em “Pelo retrovisor” o narrador (que agora não é mais o Calvino ensaísta, mas um narrador-autor de Palomar) nos diz que a totalidade é feita de lacunas, buracos, alçapões por onde pode saltar a qualquer momento o Hidebehind. Podemos dizer que o escritor italiano transforma, metamorfoseia seu ensaio em “Pelo retrovisor”, que deriva de um texto de alto teor acadêmico para um belo e desconcertante texto literário.

Além disso, em “Pelo retrovisor” ele consegue criar realidades que se interseccionam: a vida cotidiana do Sr. Palomar com o mundo imaginário e impossivelmente real da Literatura. Estão lá visíveis e (re)velados: Eugenio Montale – com uma poesia – e Borges com uma prosa; está lá invisível – revelado – o olhar de Orfeu, que corre o risco de olhar para

⁴ Chi lo assicura che mentre lui sta voltandosi per controllare se non è seguito da una bestia feroce, la bestia feroce non si stia spostando silenziosa in modo da trovarsi sempre dietro le sue spalle? Oppure: chi lo assicura che il mondo continui a esistere anche quando lui non lo guarda? come escludere che nell'istante in cui lui smette di guardare in una direzione, tutto quel che appariva al suo sguardo non svanisca nel nulla? (CALVINO, 1994, p.1160).

trás, para o mundo dos mortos, para o mundo aonde vai Tudo rumo à evanescência e ao Vazio. Assim influenciados por essas histórias da literatura e da mitologia, podemos questionar: Adianta não olhar para trás? Adianta ficarmos atentos para a aproximação súbita e inesperada ou iminente e esperada do Hidebehind?

Parece que aos homens é proibido olhar para trás, olhar para aquilo que vai rumo ao desaparecimento, para aquilo que pertence a um mundo diferente do nosso, já que Tudo surge do Vazio, e para o Vazio retorna, nesse movimento de evanescimento e retorno. Uma outra questão que poderíamos nos pôr seria: Palomar, ao olhar para trás para a realidade que evanesce em direção ao seu desaparecimento – um desaparecimento que *se revela, se mostra* pelo retrovisor mas ao mesmo tempo *se esconde, desaparece* – não estaria entrando no território da Morte, no território do Passado ou do Futuro?

Por isso relembramos o mito de Orfeu e Eurídice, no qual o olhar para trás - que significa a oportunidade de rever a esposa morta mas que por isso entraria em sua segunda morte – permite o desaparecimento, a evanescência daquele momento. Segundo Bulfinch, depois de perder sua amada Eurídice, tamanho foi o sofrimento de Orfeu que ele resolve descer até o mundo dos mortos em busca de sua amada. O seu canto de pedido para que Eurídice voltasse com ele comoveu a todos, de modo que lhe foi concedido “levá-la [Eurídice] consigo, com uma condição: a de que não se voltaria para olhá-la, enquanto não tivessem chegado à atmosfera superior.” (BULFINCH, 2002, p.226). Orfeu tinha que ir embora sem olhar para trás, sem poder confirmar se sua amada estava de fato às suas costas, mas a ansiedade e o esquecimento o fizeram virar-se de modo que esse movimento o fez perdê-la para sempre:

[...] quando Orfeu, num momento de esquecimento, para certificar-se de que Eurídice o estava seguindo, olhou para trás, e Eurídice foi, então, arrebatada. Estendendo os braços, para se abraçarem, os dois apenas abraçaram o ar! Morrendo pela segunda vez, Eurídice não podia recriminar o marido, pois como haveria de censurar sua impaciência em vê-la? (BULFINCH, 2002, p.226-227).

Nota-se que a “falta de visão” nesse mito confronta-se com a necessidade de se ver plenamente, mesmo que se saiba ser impossível alcançar tal completude. Poderíamos pensar que ao pastor, que resolve perseguir Eurídice, lhe foi retirada a capacidade de ver com clareza suas ações, encantado que estava com a beleza da ninfa.

Assim, todo o seu discernimento é ofuscado pela beleza de Eurídice. Outro fato que influencia a visão é a música e o apelo de Orfeu que comove a todos do mundo dos mortos, e que ao enxergarem sob o prisma do que desejava Orfeu lhe concedem a realização de seu pedido. No entanto, só não foi possível ao marido enxergar com olhos humanos a sua

Eurídice morta, já que tal fato levou a sua morte pela segunda vez. Não seria, então, a própria insuficiência da visão humana que ocasionou o desaparecimento, a evanescência de Eurídice? Em nosso entender, mesmo que Orfeu só olhasse só para a frente, de tal modo recuperando sua amada, a realidade que ele veria depois diante de si se evanesceria para trás, rumo ao Vazio, ao Nada, tendo sempre às suas costas o mundo dos mortos.

Durante nosso passeio de carro com Palomar, fomos vendo à nossa frente e às nossas costas o *Hidebehind*, de Borges, o poema “*Forse uno mattino andando*”, de Eugenio Montale, e os mitos de Narciso e de Orfeu e Eurídice, por meio dos quais percebemos que, para Calvino, a realidade que vemos é ao mesmo tempo captada e destruída pelo olhar, que nos lança na inexistência do mundo. O que Palomar vê pelo espelho retrovisor é a imagem indireta da realidade: o Nada, o Vazio. Palomar parece então despertar de seu “engano consueto” para perceber com seus olhos retrovisores que

a totalidade que ele acreditava contemplar é cheia de buracos, de lacunas, de alçapões por onde pode saltar para fora o *hide-behind* sempre de tocaia. Basta um momento de distração e Palomar que está para deslocar-se à esquerda para uma ultrapassagem é chamado novamente à ordem por um buzinar furioso. Age apenas a tempo de voltar à sua faixa e evitar por um triz ser tragado por uma máquina mais potente e veloz, lançada numa ultrapassagem sem mais possibilidade de frear utilmente. Por onde ela saiu? Por detrás do espelho? Pelo ponto morto que nem o retrovisor central nem o retrovisor lateral refletem? Pelo nada às suas costas, vórtice vazio através do qual se materializam todos os *hide-behind*⁵? (CALVINO, 1994, p.1163)

Palomar percebe, pois, que a visão anterior faz parte de uma realidade repleta de enganos, enquanto a realidade vista pelos olhos retrovisores é relativa, lacunar, indireta e oblíqua porque é capturada pela imagem de um espelho.

Nesse conto vimos que a escritura calviniana intersecciona literatura, mitologia, ciência e realidade para atribuir um caráter múltiplo ao seu ato. Por mais que essa ideia de intersecção nos pareça paradoxal, percebemos com Calvino, Montale e Borges com seu *Hidebehind* que só poderemos reconstruir o mundo, a realidade se os olharmos pelos espelhos retrovisores e percebermos, indiretamente, obliquamente, que precisamos, principalmente, da literatura e da mitologia para entendermos, mesmo que de forma aproximativa, essa realidade que evanesce, desaparece sempre que imaginamos – em nosso engano consueto – alcançá-la.

⁵ La totalità che lui credeva di contemplare è piena di buchi, di lacune, di trabocchetti da dove può saltar fuori lo *hide-behind* sempre in agguato. Basta un momento di distrazione e Palomar che sta per spostarsi a sinistra per un sorpasso è richiamato all'ordine da un clacsonare furioso. Fa appena in tempo a rientrare nella sua corsia ed evitare per un pelo d'essere travolto da una macchina più potente e veloce, lanciata in un sorpasso senza più possibilità di frenare utilmente. Da dove è uscita? Da dietro lo specchietto? Dal punto morto che né il retrovisore centrale né quello laterale riflettono? Dal nulla alle sue spalle, vortice vuoto dal quale si materializzano tutti gli *hide-behind*? (CALVINO, 1994, p.1163).

Calvino se propõe a pensar na realidade a partir do cotidiano, e através da personagem Palomar, que narra, descreve e medita, desdobrando o real em múltiplas dimensões e olhares. Assim, ao aproximar a realidade da mitologia, em “Pelo retrovisor”, o autor também considera tal abordagem como uma manifestação do real, inclusive porque a partir dela ele pode explicar que só se faz possível enxergar o Nada, o Vazio pelos espelhos retrovisores e não por espelhos comuns, nos quais a nossa imagem poderia apagar todo o resto, assim como acontece com Narciso, que definha e desconsidera todo o mundo mergulhado na sua própria imagem, no seu próprio eu.

O autor de *Palomar* também se vale da ciência para entender como os seres e as coisas são ou podem vir a ser, como faz quando imagina uma re-evolução antropológica para a visão posterior; ou mesmo quando ressalta que a imagem que vemos é registrada pelo cérebro, destituindo assim o olho de sua autoridade. Dessa forma, percebemos que todos esses conhecimentos possibilitam ao escritor italiano uma escrita múltipla; por isso ele sabe que o escritor deve estar com o olhar voltado para todas as direções buscando e revelando várias dimensões, criando em si seus próprios olhos retrovisores.

Em geral, relaciona-se a Literatura com uma prática que vai revelar algo, que vai trazer algo da escuridão, das profundezas para a luz – a luz como a metáfora da Visão. No entanto, em “Pelo retrovisor” vemos o que não tem forma – o que vemos vai perdendo a forma para retornar ao Vazio, ao Nada – num movimento da luz (da visão) para o Vazio (a escuridão, a falta de visão) e vice-versa. E nesse movimento de transformação, Calvino nos direciona ao desconhecido, ao obscuro, ao invisível, numa constante viagem pelas palavras, pela literatura, que nos possibilita olhar para todas as direções, já que ele mesmo olha em todas as direções para realizar a sua escritura.

Relembremos aqui a passagem de *Cidades invisíveis* em que Kublai Khan pergunta a Marco Polo se ele sempre avança com a cabeça voltada para trás, se suas viagens sempre se dão no passado. A viagem tem a ver com o sair da sua terra, do seu lugar familiar: assim o olhar para trás permite que o viajante sempre veja as suas memórias e recordações tanto do seu lugar de origem quanto os lugares que percorreu. Ao manter essas lembranças, as raízes da terra natal, o viajante pode partir rumo ao desconhecido, a outros países, pois ele conseguirá recombinar elementos de um lugar com os de outro. A viagem nos abriria, pois, para a multiplicidade, nos forçando a nos confrontar com o Outro, com o Diferente. O que Calvino nos (re)vela, portanto, é que ao olharmos para trás em nossas viagens estaremos, ao olharmos para o passado, modificando o presente e o futuro e vice-versa, pela certeza de estarmos diante do desconhecido, do obscuro e do invisível.

Diante dessas considerações sobre o conto “Pelo retrovisor”, entendemos que Calvino transforma Palomar num ser homem-máquina-com-carapaça-metálica, ou seja, num ser “imaginário” que está diante de nós (e às nossas costas) todos os dias: é só ver um motorista (ou sermos um motorista) para poder imaginar a experiência de Palomar rumo ao Vazio. Em “Pelo retrovisor” Palomar é, portanto, uma personagem que se transforma em máquina e que depois que sai do carro volta a ser um pedestre, um homem que pode apenas olhar para frente, mas agora um homem que sabe que tudo vai em direção ao Vazio, mesmo que ele não esteja vendo. Diferentemente de Borges que temia os espelhos porque eles duplicavam os homens, Calvino considera que os espelhos levam os homens para o ressurgimento e para o evanescimento. Dessa forma, um simples passeio de carro se transforma numa assustadora reflexão sobre a realidade e a criação, já que Tudo surge do Vazio e para ele retorna numa plenitude vazia. Por isso, é preciso correr o risco de olhar para trás para podermos criar, escrever (e viver). Deste modo, escrever começa com o olhar de Orfeu, com o olhar de Palomar.

Referências

- BLANCHOT, Maurice. Le regard d’Orphée. In: _____. *L’espace littéraire*. Paris: Gallimard, 1955. p. 79-85.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas en colaboración*. Buenos Aires: Emecé, 1979. p. 631.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: a idade da fábula: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro; Ediouro, 2002. Trad. de David Jardim Júnior.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Publifolha, 2003. Trad. de Diogo Mainardi. p. 30.
- CALVINO, Italo. Dietro Il retrovisor. In _____. *Romanzi et racconti 3*. Milano: Mondadori, 1994.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Trad. de Nilson Moulin.